

ASPECTOS DA FONOLOGIA PROSÓDICA DO GUARANI MBYÁ¹

Marci Fileti Martins²

fileti@unisul.br

RESUMO: Este artigo analisa a organização do sistema prosódico do Mbyá, especialmente, no nível da palavra. Busca-se determinar em que medida cada um dos constituintes prosódicos (sílabas, pé, palavra fonológica) vai servir como domínio para a aplicação de processos fonéticos e de regras fonológicas como (i) o apagamento de vogais adjacentes idênticas, (ii) a ditongação, (iii) o alongamento de vogais em palavras monossilábicas tônicas e (iv) a duplicação de segmentos bissilábicos. Além disso, propõe-se que o sistema acentual do Mbyá pode ser entendido como um sistema iâmbico (Hayes, 1995), sendo que o alongamento de núcleo silábico e a ditongação final de radical, processos fonológicos que formam sílaba pesada, vão garantir o requerimento de peso exigido pelo sistema iâmbico.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia prosódica; acento; línguas indígenas.

INTRODUÇÃO

A hierarquia de constituintes proposta pela Fonologia Prosódica, que estabelece o domínio natural de aplicação de regras fonológicas não condicionadas morfológicamente, identifica a sílaba como a menor categoria prosódica, sendo por isso entendida como a unidade fundamental da análise fonológica (Blevin, 1986). O reconhecimento da importância da sílaba como um constituinte fonológico iniciou-se com a Fonologia Métrica, que passa a considerar o acento como uma propriedade da sílaba (Lieberman e Prince, 1977) e não mais da vogal (Chomsky e Halle, 1968). De acordo com este modelo teórico, somente uma sílaba pode ser portadora do acento primário. O acento passa a ter um caráter relacional, entendido como uma proeminência que nasce a partir da relação entre os elementos prosódicos: *sílaba*, *pé*, *palavra fonológica*. De tal modo, interessa

¹ Os dados aqui apresentados são das variantes do Mbyá faladas no Posto Indígena Rio das Cobras (PR) (Dooley, 1982, 1986), (Meador 1961/1976) e nos assentamentos de Morro dos Cavalos e Maciambu (SC) (Martins, 1999).

² Professora do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL

discutir aqui, o ordenamento de alguns processos fonológicos do Mbyá³, priorizando o fenômeno do acento de palavra. Propõe-se que o seu sistema acentual oxítono, analisado a partir da teoria métrica (Hayes, 1995), pode ser entendido como um Sistema Iâmbico. Para que essa proposta se sustente, assume-se que a ditongação final de radical e o alongamento vocálico sejam processos fonológicos que constituem sílabas pesadas (ramificação de núcleo silábico) garantindo assim o requerimento de peso para a formação de pés iâmbicos na língua, já que o Mbyá não apresenta sílaba travada.

1. QUADRO FONOLÓGICO

As análises fonológicas feitas por Dooley (1982) e Guedes (1991) concordam em determinar no sistema do Mbyá 29 segmentos, sendo 6 vocálicos e 14 consonantais⁴. Os dados aqui apresentados⁵ estão de acordo com a análise proposta por Guedes (1991), que propõe o seguinte conjunto para fonemas e alofones do Mbyá:

³ O Mbyá é classificado como um dialeto moderno da língua Guarani (Rodrigues, 1986: 36-38), da família lingüística Tupi-Guarani. É falado por grupos que têm como descendentes os povos que habitavam a província do Guairá, situada a leste do rio Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguazu, onde é hoje o Estado do Paraná. Mesmo sendo o mais meridional dentre os dialetos da língua Guarani, hoje, podemos encontrá-lo em grande parte do território brasileiro.

⁴ Contudo, Dooley (1982) inclui no inventário de consoantes o fonema /g/, que registra poucas ocorrências na língua, geralmente em empréstimos, e deixa de incluir o segmento fricativo glotal /h/ no seu quadro de fonemas. Guedes, ao contrário, não registra o segmento oclusivo velar e inclui o segmento fricativo glotal /h/ como um “elemento distintivo e, por isso, constituindo uma unidade fonologicamente relevante” (Guedes, 1991:40).

⁵ No registro dos dados contidos nesse capítulo, foi utilizada a transcrição fonológica proposta por Guedes (1991), juntamente com a representação ortográfica proposta por Dooley (1982). O acento, mesmo sendo previsível (última sílaba em palavras isoladas) e normalmente não assinalado nas transcrições, será aqui marcado (acento agudo), por se considerar mais esclarecedor para a discussão em questão.

CONSOANTES:

	labial	dental/alv./palat.	velar	glotal
oclusiva	/p/	/t/	/k ^w /	/ʔ/
nasal	/m/ [mb] [m]	/n/ [nd] [n]	/ɲ ^w / [gu] [ɲɥ] [ɲ̥]	/ŋ/ [ŋg] [ŋ] [ŋgu]
africada		/tʃ/		
flap		/r/		
fricativa				/h/
semivogal	/w/ [β] [v] [ɥ]			

VOGAIS⁶

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/ [i] [i̥]	/ɨ/	/u/ [u] [u̥]
Média	/e/ [ɛ] [e]		/o/ [o] [ɔ]
Aberta	/a/		

A língua apresenta alguns segmentos complexos como as seqüências oclusiva/nasal + vocóide alto arredondado assilábico **ɲɥ**, **ɲgu** **gu**, **ku**, e outros de contorno como as seqüências de segmentos consonantal nasal + oclusiva sonora **mb**, **nd**, **ɲg**, e oclusiva + fricativa **tʃ**, **dʒ**

2. CONSTITUINTES PROSÓDICOS

A Fonologia Prosódica funda-se essencialmente na determinação de domínios fonológicos, os quais são alvos naturais para regras fonológicas não condicionadas morfossintaticamente. Desta caracterização dos domínios prosódicos surge a noção de constituinte fonológico que, distinto daquele sintático ou morfológico, tem suas próprias regras e princípios e que não é necessariamente isomórfico com relação ao constituinte

⁶ A nasalidade, predominantemente regressiva do Mbyá, está intimamente ligada ao acento de intensidade, já que somente vai ser distintiva quando em sílabas acentuadas: a) *tupã* [tu'pã] "o Deus" *tupá* [tu'pa] "cama", b) *o-kê* [o'kê] "ele dorme" *oké* [o'ke] "porta". De tal modo, Guedes (1991), ao invés de atribuir a propriedade [+nasal] a cada uma das vogais, propõe atribuir a nasalidade unicamente ao acento. Considera-se que a nasalidade das vogais em sílabas acentuadas decorre da nasalidade do acento.

morfossintático. Desse modo, diferentemente da fonologia gerativa padrão (linear), a representação da Fonologia Prosódica consiste de uma lista de unidades (constituintes) fonológicas organizadas hierarquicamente de acordo com os seguintes princípios:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte(s) e a todos os demais o valor fraco(w). (Nespor e Vogel, 1986 apud Bisol, 1996)

Sendo que, conforme Nespor e Vogel (idem), a estrutura interna de cada constituinte prosódico tem as mesmas características, isto é, tem a mesma configuração geométrica, as regras que constroem as estruturas das diferentes categorias prosódicas podem ter a mesma forma:

(i) *Construção do Constituinte Prosódico*

Incorpore em X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio X^P .

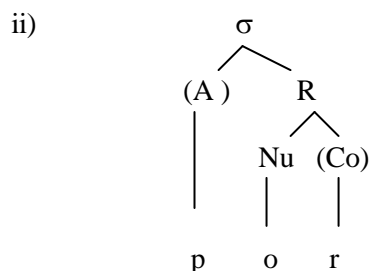
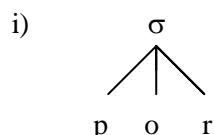
(Nespor e Vogel 1986, apud Bisol, 1996)

Aplicada a um constituinte X^P qualquer a regra (1) acima garante uma estrutura de constituintes prosódicos hierarquicamente organizada (enunciado, frase entonacional, frase fonológica, palavra fonológica, grupo clítico, pé, sílaba). A definição dos domínios prosódicos no Mbyá será feita de acordo com os requerimentos exigidos pela análise do tema central do trabalho, que envolve o sistema acentual da língua. De tal modo, a identificação da palavra fonológica, e conseqüentemente do pé e da sílaba, é imprescindível para a discussão em questão.

2.1 A SÍLABA

Enquanto a noção de sílaba como um constituinte fonológico é ponto aceito entre os teóricos, o mesmo não acontece no que diz respeito à natureza de sua estrutura interna. Há basicamente duas propostas a respeito: (i) da teoria autosegmental, que considera a

sílaba como um nó ao qual estão ligados diretamente os segmentos, portanto sem estrutura interna (Kahn,1976; Clements e Keyser, 1983; Nespor e Vogel,1986), e (ii) da teoria métrica, que defende que as sílabas apresentam uma estrutura interna composta de um ataque (A) e uma rima (R), que por sua vez é constituída de um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Qualquer categoria exceto o núcleo pode ser vazia (Fudge 1969, Selkirk 1982/1984, Levin 1985 apud Blevin, 1986):

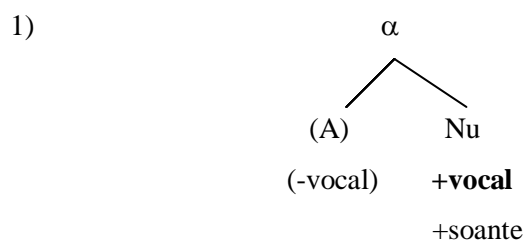


Será adotada aqui a representação proposta pela teoria métrica (ii), já que este tipo de modelo tem se mostrado mais adequado universalmente.

2.1.2 O PADRÃO SILÁBICO

A análise dos padrões silábicos do Mbyá permite afirmar que: (i) a forma canônica da sílaba é (C)V(V), (ii) somente o núcleo silábico é obrigatório e é constituído apenas pelos segmentos vocálicos da língua, (iii) não há sílaba travada e (iv) todos os segmentos consonantais que compõem o inventário fonológico do dialeto podem aparecer no ataque⁷, posição esta em que somente um segmento é permitido.

Assim, se todas as sílabas são abertas não é necessário fazer a distinção entre rima e núcleo, o que permite postular uma estrutura silábica subjacente apenas com os constituintes ataque e núcleo (1), conforme Selkirk (1982)⁸:



⁷ O segmento [+cons+cont] **h** vai ocorrer somente em sílabas iniciais de palavras: *ha'é* “ele”.

⁸ Selkirk (1982) baseia-se em propostas anteriores feitas por Pike e Pike (1947).

2.1.3 A SÍLABA COMO DOMÍNIO

A sílaba é o domínio para os processos de *ditongação*, de *alongamento vocálico*, de *apagamento* de vogais adjacentes idênticas e de *duplicação* de sequências bissilábicas finais de palavras no Mbyá. Enquanto a ditongação e o alongamento são processos fundamentais para o estabelecimento do padrão acentual, o apagamento de vogais adjacentes é requerido pelo OCP (Princípio de Contorno Obrigatório-Leben, 1973) que proíbe elementos adjacentes idênticos. Já na *duplicação* de sequências bissilábicas é possível identificar dois dos tipos constituintes do padrão de pés da língua.

2.1.3.1 A DITONGAÇÃO

A sílaba é o domínio para a distribuição de ditongos decrescentes, que ocorrem (i) em sílaba final de radical (2a-c), e (ii) e internos à palavra, na junção entre morfemas (3a-b). Tanto o segmento *i* quanto *u* são os constituintes assilábicos nas sequências vogal-glide⁹. O segmento *u* tem uma distribuição menos abrangente, ocorrendo somente depois do vocóide [-alto] *a* (4a-b). O segmento *i* parece ocorrer seguindo todas as vogais do inventário da língua, menos depois de sua contraparte homorgânica, situação em que sofre apagamento.

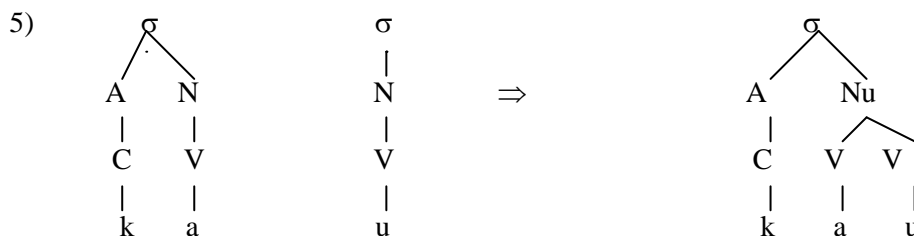
- 2) a. tamõi [ta'mõ̃i] “avô”
b. kueréi [kue'rẽi] “de volta”
c. andái [a'ndaĩ] “abóbora”
- 3) a. o-i-pete [oĩpe'te] “(ele) bate”
b. nd-o-manõ-i [ndoma'nõ̃i] (Neg-ele-morrer-Neg) “(ele) não morreu”
- 4) a. parakáu [para'kaũ] “papagaio”
b. xãjáú [tʃã'dʒaũ] “melancia”

⁹ As sequências de glide-vogal em palavras como /kua'ru/ “urinar”, /-guata /“andar”, /ŋgue /“frouxo”, não são considerados ditongos, já que os segmentos /ŋgu/, /gu/, /ku/ são tratados como um segmento consonantal com articulação secundária (cf. seção 1) quando seguidos de vogais, principalmente das vogais a/o.

Os ditongos podem ser analisados como núcleos de duas diferentes sílabas na estrutura fonológica, isto é, no nível subjacente todas as semivogais são vogais, sendo que as vogais altas *i* e *u* tornam-se *glides* durante o processo da silabificação. Mesmo não apresentando sílabas travadas na estrutura subjacente, há razões para supor que pelo menos os ditongos finais sejam derivados a partir da ramificação do núcleo silábico vindo a constituir sílaba pesada. De tal modo, cada um dos processos de ditongação, ditongos finais e ditongos internos à palavra, pode ser analisado de forma distinta:

i) Ditongo Final:

A formação dos ditongos finais se dá com o desligamento do núcleo da sílaba final da palavra, que contém a vogal alta e conseqüente associação da mesma à sílaba precedente. A semivogal passa a ocupar mais uma posição no núcleo, ramificando-o. A sílaba com o ditongo final é, portanto, uma sílaba pesada. Adota-se aqui, a proposta de McCarthy (1979) para quem os nós terminais da árvore silábica são elementos ‘C’ ou ‘V’, [+cons-voc] e [-com, +voc], respectivamente, que representam as classes maiores ‘consoante’ e ‘vogal’. Assim, uma vogal longa pode ser representada como uma seqüência de dois elementos ‘V’ idênticos. Segue-se a representação do ditongo da palavra parakáu [para'kau] “papagaio”:



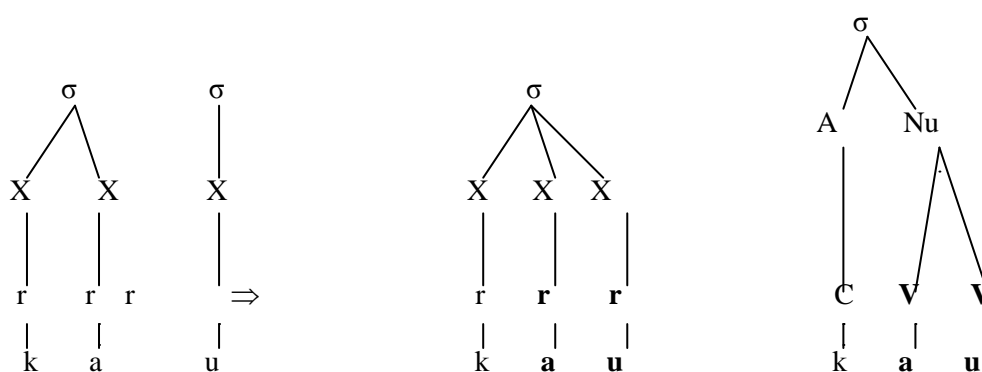
A opção pela ramificação do núcleo, para dar conta da hipótese de ditongos finais pesados, está em consonância com o padrão silábico da língua, o qual não apresenta sílaba travada no nível subjacente. De fato, segundo Blevins (1986:213-215), há evidências tipológicas para definir três tipos de línguas de acordo com a variação de peso silábico. Relevante, aqui, é identificar nessas variações de peso as sílabas constituídas de núcleo ramificado (C₀VV) que, de acordo com a autora, são *mais pesadas*¹⁰ do que sílabas

¹⁰ Blevins (idem) propõe uma classificação tipológica para línguas de acordo com o seu peso silábico, na qual identifica sílabas *leve* (light) C₀V, C₀VC₀, *pesada* (heavy) C₀VC₁ e as *mais pesadas* (heaviest) C₀VX, C₀VV,

(C₀VC₁) denominadas *pesadas*, já que têm rimas mais sonoras podendo por isso atrair o acento. No Havaiano, por exemplo, assim como no Mbyá, todas as sílabas C₀VV são acentuadas e as línguas não têm nenhuma sílaba travada.

A comparação do modelo de constituinte silábico com estrutura interna com o outro modelo que incorpora unidades de tempo à teoria da sílaba é aqui utilizado, pois se entende que esse tipo de representação envolvendo unidades temporais, pode melhor demonstrar a motivação para os ditongos pesados analisados como núcleos ramificados. De fato, quando da ocorrência de ditongos pesados, duas unidades tempo são associadas dois nós de raiz (dois feixes do mesmo traço), ou seja, os segmentos que compõem o ditongo final vão ocupar duas unidades temporais no núcleo silábico, ramificando-o¹¹:

6)



i) Ditongo Interno à Palavra:

De outro modo, o processo de ditongação em sílabas internas, que se dá na junção entre segmentos silábicos e (i) o prefixo relacional de 3^a pessoa *i-* (7a), e (ii) raízes iniciadas pela vogal *i* (7b-c), não forma sílaba pesada:

- 7) a. **o-i**-pe.té (3-3Rel-bater “(ele) bateu (em alguém)”)
 b.oo **o-i**.ny (3-ir 3-Aux “foi indo”)

C₀V{V,R}. Segundo a autora, as línguas podem ser classificadas em três tipos de acordo com o peso silábico: i) Tipo 1: rima não ramificada x rima ramificada (sílabas leve e sílaba *mais pesada* (*heaviest*), respectivamente); ii) Tipo 2: núcleo não ramificado x núcleo ramificado (sílabas leve e sílaba *mais pesada* (*heaviest*), respectivamente) e iii) Tipo 3: rima não ramificada x rima ramificada x núcleo ramificado (sílabas leve, sílaba pesada e sílaba *mais pesada* (*heaviest*), respectivamente). O Mbyá, dentro desse padrão, pode ser considerado uma língua do Tipo 2.

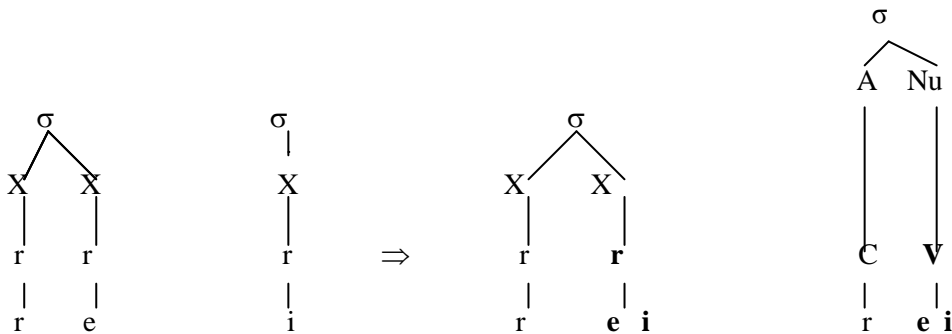
¹¹ Segundo Hayes (1995:271), uma sílaba é pesada porque é longa. De acordo com a teoria moráica, as moras formam uma caracterização abstrata da duração fonológica da sílaba: o peso é retratado por moras que representam a duração.

c. **a-i.kó** porã (1sg-estar bem “estou bem”)

d. **re-i.ke** (2sg-entrar “entrou”)

Diferente da ditongação em final de palavra, o ditongo em sílabas internas à palavra ocorre em posição acentualmente fraca e não vai formar sílaba pesada. Neste caso, os segmentos que formam o ditongo não ramificam o núcleo silábico: constituem-se de um único nó de raiz associado a uma única unidade de tempo¹². A representação do ditongo (7d) é:

8)



Um argumento em favor dessa análise é que a seqüência de vogal/*glide* em ditongos internos à palavra, que sempre ocorrem em posição não acentuada, pode estar em variação livre com duas sílabas de vogais contíguas, ou seja, o ditongo pode alternar com o hiato¹³:

9) a. *o-i.ke* ~ *o-i.ke* (3-estar “ele/a está”)

b. *o-u.xé* ~ *o-u.xé* (3-ir-querer- “ele/a quer ir”)

A descrição da ditongação no GP feita por Gregores e Suáres (1967:55) corrobora os dados do Mbyá. Segundo os autores, quando da ocorrência em uma palavra de uma seqüência de duas vogais em posição não acentuada, em que uma delas é uma vogal alta *i* ou *u*, a ditongação pode ocorrer, contudo, está em variação livre com o hiato:

10)a. [*xa u* pé a *ɣi*] ~ [*xau* pé a *ɣi*] “and because of that”

¹² Bisol (1989) também explora a noção de núcleo ramificado para dar conta dos ditongos decrescentes no Português. São ditongos “verdadeiros” aqueles de palavras com *p[aw]ta*, *r[ey]tor* *c[oy]tado*, os quais ramificam seus núcleos, e “falsos” ditongos ou ditongos derivados, aqueles que surgem diante de uma consoante palatal. Nesse caso, os ditongos derivados, que apresentam variação com monotongos, *p[ey]xe* - *p[e]xe*, *c[ay]xa* - *c[a]xá*, não ramificam seus núcleos.

¹³ Uma descrição exaustiva dos ditongos internos à palavra se faz necessária no Mbyá, para que se possa fazer afirmações mais decisivas.

- b. [mã̃ ã má rã] ~ [mã̃i má rã] “all without exception”
- c. [nado u sé i] ~ [ndoũ seĩ] “he does not want to come”
- e. [tu i sá] ~ [tuyi sá] “grande”

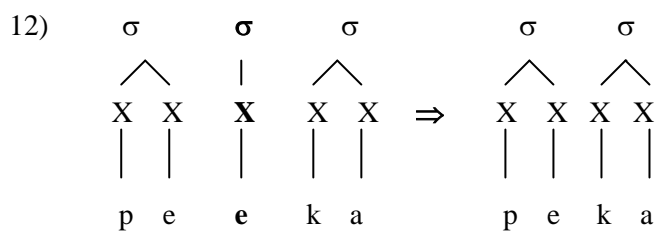
Este tipo de ditongação parece se relacionar a uma possível otimização das seqüências silábicas, já que a língua poderia estar privilegiando seqüências CV (tautossilábicas) e não aquelas V.V.

2.1.3.2 O APAGAMENTO DE NÚCLEO SILÁBICO

O Princípio de Contorno Obrigatório (PCO) proposto por Leben (1973) para a análise do tom, estipula que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Esta proposta, que foi ampliada para dar conta de problemas envolvendo outros segmentos (McCarthy, 1986), pode ser utilizada para a análise do apagamento de vogais idênticas no Mbyá:

- 11) a. pe-e.ká (2pl-procurar “vocês procuram”) ⇒ [pe'ka]
- b. mbo-o.ve.rá (Caus-3s/p-relâmpago “iluminar”) ⇒ [mbove'ra]
- c. a.-e.ndu-u.ká (1sg-ouvir-Caus “eu (o) faço ouvir”) ⇒ [aendu'ka]

No processo que se dá no nível da silabificação de seqüências envolvendo segmentos vocálicos de radicais e os vocóides *a*, *e*, *u* e *i*, constituintes de afixos, a vogal que é o constituinte único da sílaba (tanto de radicais (11a-b), quanto de afixo 11c) é aquela desassociada de qualquer nó silábico e posteriormente apagada. O apagamento da vogal da sílaba formada apenas por núcleo (12) parece ser a opção mais econômica para a derivação, já que, com a elisão da vogal da sílaba CV, o segmento consonantal ficaria desassociado, o que envolveria a necessidade de uma reassociação do mesmo à sílaba V. Somando-se a isso, a tonicidade da sílaba também deve ser levada em consideração, já que na estrutura (11c) (a.-e.ndú-u.ká “fazer ouvir”), por exemplo, a sílaba formada por apenas um núcleo é também átona, enquanto aquela formada por CV é a sílaba tônica do radical -*endú* “ouvir”, portanto com menos chances de ser a elidida num processo de apagamento:



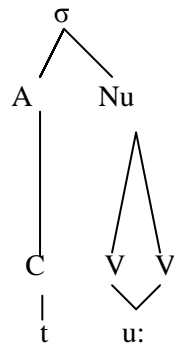
Sendo o padrão preferencial de seqüência silábica CV e, sobretudo, devido a inexistência de seqüência de segmentos adjacentes idênticos, a não ser em situações específicas relacionadas à minimalidade prosódica da palavra, propõe-se que o processo de apagamento de vogais idênticas no Mbyá se realiza no nível pós-lexical, buscando adaptar para o padrão silábico da língua seqüências nucleares idênticas.

2.1.3.3 O ALONGAMENTO VOCÁLICO E A MINIMALIDADE PROSÓDICA DO MBYÁ

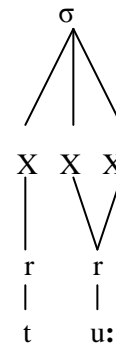
A sílaba é tomada como alvo prosódico quando determinadas palavras morfológicas monossilábicas como **ý** “água”, **tú** “pai”, **ndé** “você”, sofrem alongamento do seu núcleo silábico: **ýy**, **túu**, **pée**. Esta tendência do Mbyá, de evitar a formação de vocábulos tônicos monossilábicos, reflete o molde prosódico mínimo da língua (McCarthy & Prince (1986), permitindo determinar o tamanho mínimo de um pé na língua, pois se assume que uma palavra fonológica mínima deva conter pelo menos um pé. Sendo o alongamento considerado um processo de ramificação de núcleo silábico, em que uma sílaba pesada é criada, propõe-se que o tamanho mínimo de um pé na língua é bimoráico (contendo dois elementos métricos, ou duas moras). O Mbyá não aceita palavras constituídas de uma única sílaba leve, proibindo assim pé degenerado (seção 2.2).

Assim como nos ditongos finais, o processo de alongamento torna o núcleo ramificado em uma seqüência de dois elementos ‘V’ idênticos como nas sílabas pesadas (13a). Contudo, através da representação da sílaba como unidade temporal é possível caracterizar de maneira mais pormenorizada os dois processos: enquanto a ditongação em final de palavras constitui-se como duas unidades de tempo associada a dois nós de raiz, o alongamento apresenta-se como único feixe de traços ligado a duas unidades de tempo, ou seja, um único nó de raiz, mas que ocupa duas posições na camada temporal (13b), o que equivale a uma sílaba com o núcleo ramificado:

13)a.



b.



Uma evidência para a constituição da palavra fonológica mínima como bimoráica é o bloqueio de possíveis processos subtrativos, como, por exemplo, o apagamento de segmentos adjacentes idênticos, caso a palavra resultante torne-se monomoráica:

14) a. ja-á (1pl-ir) ⇒ jaá “nós vamos”
 b. *já

15) a. e-é (2sg/Imp-subir) ⇒ eé “suba (você)”
 b. *é

2.1.3.4 A DUPLICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS BISSILÁBICAS

A sílaba é o domínio para a duplicação de seqüências bissilábicas finais, que ocorre em algumas raízes verbais e nominais (16a-d). Não se deve tomar este tipo de duplicação como a duplicação do padrão de pé da língua, já que se assim o fosse, palavras como *mbo.kói* “dois” teriam como segmento duplicado somente a sílaba com ditongo final *.kói*, que representa um dos tipos de pé da língua /-/ (16d), o que não ocorre. É possível identificar, entretanto, nessa duplicação de seqüências bissilábicas, dois dos tipos constituintes do padrão de pés¹⁴ da língua, já que somente seqüências de duas sílabas breves /UU/ ou uma sílaba breve e outra longa /U -/ são duplicadas e inseridas à direita do radical:

16) a. pe.**te.ĩ** (um) ⇒ [pe.te.i.**te.ʔĩ**] “um por um”
 b. o-**ve.vé** (3s/p-voar) ⇒ [o.ve.ve.**ve.ʔve**] “voa voa”

¹⁴ Conforme seção (2.1.2), o Mbyá vai construir *pés iambos com a forma /UU/, /U -/ e /-/* (Hayes 1995:267).

- c. o-**i.ké** (3s/p-entrar) ⇒ [oi.ke.i.'ke] “ele vai vai”
 d. **mbo.kōi** (dois) ⇒ [mbo.ko.mbo.'kōi] “de dois em dois”

A duplicação também incide sobre palavras flexionadas, caso a raiz não tenha o tamanho métrico ideal para o processo:

- 17) **pe.va** (2p-mover) ⇒ [pe.va.pe.'va] “vocês continuam se movendo”

A distribuição da ditongação e do apagamento quando envolvidos na duplicação parece indicar um ordenamento para o processo. De acordo com os dados em (18), é aceitável tomar a duplicação como anterior ao apagamento de vogais adjacentes idênticas:

- 18) **pe-e.ká** (2pl-procurar) ⇒ [pe.ka.e.ka] “vocês continuam procurando”
 *[pe.ka.pe.ka]

Com a ditongação a situação é mais complexa. Quando o processo de ditongação ocorre na juntura de morfemas, a duplicação ocorre antes:

- 19) o-**iké** (3sg/pl-entrar) ⇒ a. [oi.ke.i.'ke] “vai, vai”
 b. *[oi.ke.oi.'ke]

Já em palavras como *mokōi* “dois” e *-mandáu* “chamar”, radicais com ditongo final, a duplicação do constituinte bissilábico final ocorre depois da ditongação, mas com uma perda de material fonológico:

- 20) **mokōi** (dois) ⇒ a. [**mo.ko**.mo.'ko̩] “de dois em dois”
 b. *[**mo.ko̩**.mo.'kō̩]

- 21) o-**mandáu** (ele-chamar “chamou”) ⇒ a. [o.**ma.nda**.ma.'nda̩] “chamou chamou”
 b. *[o.**ma.nda̩**.ma.'nda̩]

Como pode ser observado nos exemplos (20-21b), tornam-se agramaticais os radicais alvos da duplicação que não apresentarem uma perda do material fonológico, isto é, da semivogal constituinte de ditongo do radical alvo da duplicação.

Uma interpretação possível relaciona-se ao padrão acentual oxítono do Mbyá e ao fato de ser a língua considerada sensível à quantidade. De fato, sendo o ditongo em final de

radical um processo que forma sílaba pesada, uma sílaba pesada em posição não final de palavra poderia competir pelo acento, desestabilizando o padrão oxítono da língua. Portanto, ditongos “pesados” são evitados em posição não final explicando a agramaticalidade de (20)b e (21)b. Um processo subtrativo é requerido pela fonologia da língua, garantindo o apagamento do segmento vocálico final do radical, evitando, assim, que ditongos pesados ocorram em sílabas internas à palavra.

É preciso dizer ainda, que enquanto a ditongação, o alongamento vocálico, e o apagamento de vogais adjacentes idênticas são todos processos meramente prosódicos, ou seja, não são condicionados morfológicamente, a duplicação de seqüências bissilábicas é um fenômeno fonológico que vai atuar em outros domínios, isto é, tem como função operar uma modificação semântica no radical no qual atua, modificação esta relacionada a representações icônicas de categorias semânticas, assim como pode indicar algum aspecto imperfectivo.

2.2 O PÉ MÉTRICO, A PALAVRA FONOLÓGICA, O GRUPO CLÍTICO E A FRASE FONOLÓGICA¹⁵

O alongamento vocálico em palavras monossilábicas tônicas ocorre garantindo o requerimento do tamanho prosódico mínimo da palavra fonológica no Mbyá, que é bimoráica. O estabelecimento da palavra mínima como bimoráica, conseqüentemente afeta a relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas formando o pé métrico. De fato, o padrão acentual da língua vai construir pés binários com cabeça à direita, a partir da borda da direita da palavra, proibindo pés degenerados.

A constituição da palavra fonológica também está intimamente relacionada a sua tonicidade, pois somente sofrem alongamento palavras monossilábicas tônicas. Os monossílabos átonos, não necessitando satisfazer o tamanho métrico mínimo, não sofrem alongamento na língua. Dentro do domínio da palavra fonológica, portanto, o agrupamento de sílabas em pés pode ocorrer sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos, isto é, palavras morfológica e fonológica não são isomórficas (22)a. Enquanto o número de sílabas da palavra fonológica é minimamente determinado, o

¹⁵ Sendo o objetivo central deste trabalho a análise do acento de palavra na língua, a discussão envolvendo os níveis superiores à palavra fonológica, quais sejam, grupo clítico, frase fonológica e outros, não será feita aqui de forma exaustiva.

número de sílabas que compõem os morfemas pode variar de um a três¹⁶ (22b-d), sendo que é possível encontrar tanto morfemas assilábicos (prefixos relacionais {r-}: r- ~ ϕ) (22e), quanto morfemas bastante raros na língua, de até cinco sílabas (22f). Já algumas palavras, resultantes de processos flexionais, podem constituir-se de até sete sílabas (22g):

- 22)a. -ý ýy “água”
- b. -‘ú “comer”
- c.-ju.ká “matar”
- d. pe.te.ĩ “um (numeral)”
- e. xe.-r-e.xá (1s-Rel-olho) “meu olho”
- f. já.ra.ka.xi.’á “tipo de fruto silvestre”
- g. pe.nde-a.y.vu-a-.tý (3s/p-falar-Nom-Rep)“o que vocês estão falando muitas vezes”

O prefixo relacional {r-}: r- ~ ϕ une-se a segmentos iniciais de raízes nominais e verbais dividindo nomes e verbos em duas classes: r- e ϕ . Além de carregar informações sintáticas e morfológicas, o prefixo {r-} parece apresentar motivação fonológica, quando, na maioria dos casos, o alomorfe r- une-se a radicais que apresentam vogal no seu segmento inicial (23a-c), garantindo a otimização do padrão silábico da língua (CV) e evitando seqüências V.V. Já o alomorfe \emptyset ocorre em vocábulos iniciados por consoante (23d-e)¹⁷:

- 23) a. vaka r-embí’ú (vaca Rel-comida “comida da vaca”)
- b. xe-r-ú (1s-Rel-pai “meu pai”)
- c. h-úu (Rel-preto “é preto”)
- d. xe- \emptyset -po (1s-Rel-mão “minha mão”)
- e. mitã- \emptyset -py (menina-Rel-pé “pé da menina”)

Como pode ser observado, a regra de distribuição dos prefixos relacionais na língua tem por domínio a palavra fonológica, pois vai se aplicar na fronteira (i) entre duas

¹⁶ Mesmo podendo variar de 1 a 3 sílabas, são mais comuns os morfemas formados por duas sílabas.

¹⁷Entretanto, em outra situação não há motivação fonológica para que alguns poucos radicais, como por exemplo *akã* “galho”, seja prefixado com o alomorfe r-, enquanto que o seu homônimo *-akã* “cabeça” seja unido ao alomorfe \emptyset . Provavelmente estão envolvidos neste processo de derivação informações gramaticais de níveis superiores tais como morfologia e sintaxe. Evidentemente, a análise dessa interação, indispensável para a discussão dos prefixos relacionais na língua, exige atenção especial, o que foge ao escopo do presente trabalho.

palavras fonológicas, as quais vão se reagrupar em uma única palavra fonológica [vakarembi'ʔu] (23a), (ii) entre afixos e palavra fonológica (23b-d). Mesmo que a ocorrência dos relacionais seja junto a palavras monossilábicas tônicas que não satisfazem o molde prosódico mínimo da língua (23b-c), o constituinte prosódico resultante da derivação será sempre uma palavra fonológica. Além disso, a análise da seqüência vaká-r-embi'ú [vakarembi'ʔu], em que os elementos comportam-se como uma única palavra fonológica apresentando um único acento primário, permite afirmar que o domínio da palavra fonológica no Mbyá, é igual ao elemento terminal da árvore sintática.

Há no Mbyá elementos átonos, os quais não necessitam satisfazer aos requerimentos de tonicidade exigidos pelo padrão acentual da língua, padrão esse que estabelece a marcação de uma única sílaba forte na palavra¹⁸. Esses elementos clíticos, ilustrados nas estruturas abaixo pela partícula interrogativa *pa* (24a-b) e a posposição *re* (24c), apóiam-se prosodicamente à palavra fonológica/conteúdo adjacente¹⁹:

24)a. kueé João *pa* o-nhã
 ontem João Q 3-correr
 “Foi João que correu ontem?”

b. kueé João o-nhã *pa*
 ontem João 3-correr Q
 “ontem João correu?”

c. o-ó ka'agúy *r-e*
 3-ir mata Rel-Loc
 “Foi para a mata”

Dado que clíticos são excluídos do requerimento da palavra mínima, no Mbyá é possível encontrar clíticos constituídos por uma única sílaba (25a-b), contudo, aqueles bissilábicos também podem ser encontrados (25c):

¹⁸ É o que Hayes (1995:24) chama de “*requirement of culminativity*”, já que, segundo ele, uma característica distintiva do acento é ser culminativo: ou seja, “cada palavra ou sintagma tem uma única sílaba forte suportando o acento principal”. Também afirma que esse requerimento se aplica somente a palavras fonológicas e não se aplica a palavras “gramaticais”, que são elementos clíticos com relação à palavra fonológica/conteúdo.

¹⁹ São considerados clíticos no Mbyá algumas posposições, certas partículas, que vão funcionar como dêiticos, modalizadores e quantificadores, uma das séries de pronomes pessoais inativos os quais não podem ocorrer isoladamente. Estes últimos vão apresentar uma contraparte “livre”, que para garantir a minimalidade prosódica requerida pela língua sofrem alongamento vocálico.

25)a. *ýy o-pupú ma*
água 3-ferver Posp
“a água já ferveu”

b. *Maria xe=r-exá*
M. 1sg=Rel-ver
“Maria me vê”

c. *o-ó t-apé r-upi*
3-ir Rel-caminho Rel-Loc
“foi pelo caminho”

À natureza complexa desses elementos, já que suas propriedades sintáticas e fonológicas os caracterizam como elementos híbridos, pois se distribuem tanto em uma posição “medial” entre as formas de palavras independentes quanto como simples constituintes de palavras complexas morfológicamente, somam-se ainda diferenças no que diz respeito a sua dependência fonológica para com o hospedeiro: ao mesmo tempo em que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica, podem revelar certa independência, submetendo-se às mesmas regras que a palavra fonológica: eles não são partes de palavras nem tão pouco independentes delas. Assim, de acordo com Nespor e Vogel, critérios não fonológicos devem decidir se um elemento é clítico ou não, deixando como tarefa para a teoria fonológica criar um lugar específico para os clíticos, ou seja, segundo as autoras, dentro de uma teoria prosódica hierarquicamente estruturada, deve-se estabelecer o grupo *hospedeiro+clítico* com a unidade prosódica que segue imediatamente à palavra fonológica, evitando, assim, o problema relacionado à tentativa de enquadrá-lo ou como parte de uma palavra fonológica única ou como uma entidade separada. O Grupo Clítico é, portanto, o primeiro nível da hierarquia prosódica o qual representa o mapeamento entre a sintaxe e o componente fonológico.

De tal modo, no Mbyá, tais elementos átonos são tratados como clíticos e não como prefixos, por estarem ligados a constituintes nas construções sintáticas e não a radicais de determinada classe, como o fazem os afixos, sendo por isso, mais livres sintaticamente:

26)a. *ere=vý porã pa*
2sg=levantar bem PI
“você se levantou bem?”

b. *marã-rami pa nde=r-erý*
como-Atr Q 2sg=Rel-nome
“como é o seu nome?”

Já os pronomes inativos átonos são analisados como clíticos, pois vão se comportar funcionalmente como nomes: ocorrem antes de radical nominal, posposicional ou verbal e são prefixados com o relacional {r-}²⁰:

²⁰ Uma análise mais detalhada sobre os clíticos no Mbyá pode ser encontrada em Martins (2003).

- | | | |
|---|---|---|
| 27)a. <i>xe=r-exá</i>
1sg=Rel-olho
“meu olho” | b. <i>ha’ é xe=r-e o-ma’ é</i>
ele 1sg=Rel-Dat 3-olhar
“ele olhou para mim” | c. <i>pende=ø-porã</i>
2pl=Rel-bom
“vocês são bons” |
|---|---|---|

A dependência fonológica do clítico com relação ao seu hospedeiro se dá de duas maneiras na língua: (i) quando é pró-clítico passa a constituir com a palavra uma unidade, pois a sua inserção pode garantir a minimalidade prosódica (28a-b), (ii) quando enclítico revela certa independência: não é decisivo para determinar a satisfação do molde prosódico mínimo (28c) e não vai afetar o padrão acentual da palavra (29a-b):

- | | | |
|--|---|--|
| 28)a. <i>xe=r-aĩ</i>
1sg=Rel-dente
“meu dente” | b. <i>nhande=r-ú</i>
1sg/pl=Rel-pai
“nosso pai/ Deus” | c. <i>o-ó ng-oó py</i>
3-ir 3Rfl-casa Loc
“foi a sua própria casa” |
| 29)a. <i>t-apé</i>
3Rel-caminho
“o caminho” | b. <i>t-apé r-upi</i>
3Rel-caminho Rel-Loc
“pelo caminho” | |

Tanto pró-clítico quanto enclítico podem se submeter à regra de inserção de elementos relacionais (30a-b), tal qual a palavra fonológica (30c-d). Por ser o domínio de aplicação desta mesma regra e por não afetar o padrão acentual da palavra na qual está apoiado, o elemento clítico, no Mbyá, revela novamente certa independência de seu hospedeiro:

- 30)a. *xe-r-ú* (1sg-Rel-pai) “meu pai”
 b. *ka’aguý r-upy* (mato Rel-Posp) “pelo o mato”
 c. *jagua r-exá* (cão Rel-olho) “olho do cão”
 d. *t-aí* (3Rel-pai) “pai de alguém”

Assim, mesmo na ausência de regras que se apliquem somente no domínio formado por palavra+clítico, postula-se para o Mbyá um *grupo clítico*, nível este que segue imediatamente a palavra fonológica. Toma-se como evidência para sua constituição a própria natureza fonologicamente ambígua dos clíticos na língua, que não se enquadram como parte de uma palavra fonológica única, nem tampouco como uma entidade separada²¹.

²¹ Segundo Hayes (1995), a depender do sistema acentual da língua, os clíticos podem fazer parte do domínio de construção dos pés, podendo ser invisíveis para a marcação do acento.

32. i) Troqueu Moráico (* .) ou (*)
 ∪ ∪ –
- ii) Iambo (. *) ou (*)
 ∪ – –

A grade métrica, que representa o acento e o ritmo, deve ser construída através de um algoritmo que possui alguns parâmetros:

- a) Direção da segmentação: direta/esquerda ou esquerda/direita
- b) Segmentação: interativa ou não interativa,
 persistente ou não persistente,
 fortemente local ou fracamente local
- c) Localização da construção das camadas da Grade: de baixo para cima (*bottom-up*)
 ou de cima para baixo (*top-down*)
- d) Pés Degenerados: proibição forte ou fraca
- e) Regra Final: direita ou esquerda.

3.1 OS SISTEMAS IÂMBICOS

A proposta de Hayes (1995), que reconhece a estrutura interna da sílaba (peso silábico) como fator determinante para configuração acentual das línguas, classifica línguas que não apresentam sílabas pesadas como um sistema *insensível à quantidade*. A constituição rítmica com proeminência final em línguas²³ que não fazem distinção de peso silábico constitui, inicialmente, um problema para a tipologia de pés proposta por Hayes, a qual não prevê um pé iâmbico que não leva em consideração a quantidade. Hayes propõe, inicialmente, para tais sistemas um tipo de pé que ele chama de iambo “regular” (*even iamb* cf.p.266). Seguindo a Lei Iâmbico/Trocáica, a versão canônica do iambo é aquela com o formato dado em (32.ii), repetido abaixo (33), enquanto que o iambo regular teria, em uma análise preliminar, a forma apresentada em (34):

- 33) Iambo Padrão (. *) ou (*)
 ∪ – –
- 34) Iambo Regular (. *)
 σσ

²³ Segundo Dorico (1998-ABRALIN), a língua Matsés (Pano) parece ser um exemplo de língua insensível à quantidade, mas que apresenta proeminência final.

Hayes (1995:267), no entanto, considera que as línguas com o padrão (33) podem ser entendidas como “simplesmente” iâmbicas, ou seja, sem a necessidade de identificar este tipo de pé com “*even*”, pois propõe a inclusão no molde dos pés iâmbicos da opção / \cup \cup / que, segundo ele, acomoda os casos de “iambo regular”. Assim, o pé do tipo / $\sigma\sigma$ / pode ser analisado como um pé iâmbico padrão (35a), com a diferença de ser composto apenas por duas sílabas leves (35b):

- 35) Iambo Padrão a) (. *) ou (*) ou
 $\cup -$ -

 b) (. *)
 $\cup \cup$

As línguas que constroem iambo com a forma / $\cup \cup$ / podem se classificadas, segundo o autor, como *iâmbicas defectivas*. Nestes sistemas haveria uma carência na distribuição do peso silábico no nível de atuação das regras de acento, já que não há nenhuma sílaba pesada para ser detectada por tais regras. Contudo, mesmo propondo a ampliação do molde de pés iambo para dar conta de línguas com proeminência final, mas que aparentemente não levam em conta a quantidade, Hayes parece não ser definitivo quanto às suas conclusões. Diz que empiricamente esta proposta pode ser falsificável, já que, diferentemente, por exemplo, do sistema de troqueu silábico, em que a distinção de quantidade existe, mas que somente não é usada para atrair o acento, em alguns sistemas iâmbicos “*even*” não há distinção de peso silábico na língua como um todo.

Esse não parece ser o caso do Mbyá, que mesmo formando pé com duas sílabas leves / $\cup \cup$ /, o que o enquadraria inicialmente como uma língua iâmbica defectiva, vai construir também pés iambo padrão / $\cup -$ /, / $-$ /, pois o alongamento vocálico em monossílabos tônicos e a ditongação em sílabas finais de palavra formam sílabas pesadas, que podem e vão atrair o acento. Assim, o Mbyá vai usar o peso silábico como fator determinante para a marcação do acento, já que existem, no nível relevante da derivação, sílabas pesadas para serem detectadas pelas regras de acento na língua.

Por outro lado, a ditongação em sílabas internas à palavra (ditongo leve), que se dá quando da silabificação afixal, diferentemente do ditongo final (ditongo pesado), não vai formar uma sílaba pesada, pois nestes casos vogal e semivogal ocupam apenas uma única unidade de tempo não havendo, portanto, a ramificação do núcleo (seção 1.1.3.1). Sendo

que não há nenhuma sílaba pesada para ser detectada pelas regras de acento, pés iambos /UU/ com duas sílabas leves são formados.

3.1.2 O ALGORITMO ACENTUAL DO MBYÁ

A análise prosódica do Mbyá indica que a língua apresenta proeminência final. São morfemas acentuados as raízes nominais e verbais (36a-c) e sufixos derivativos (36d-e). São morfemas não acentuados os sufixos flexionais e todos os prefixos:

- 36) a. mbokóĩ “dois”
- b. -júká “matar”
- c. ajaká “cesto”
- d. mboka-’í(espingarda-Dim) “espingardinha”
- e.-júka-uká (fazer-Caus) “fazer (alguém) matar ”

A grande maioria dos sistemas com proeminência final examinados por Hayes constrói pés iâmbicos da esquerda para a direita, podendo, a depender da língua, permitir ou não pés degenerados. No Mbyá, dois padrões rítmicos podem ser identificados: o padrão binário (37) e padrão ternário (38):

- | | | | |
|-----------|--------|--------------|----------|
| 37) ky.xé | “faca” | 38) ja.ka.ré | “jacaré” |
| mbo.kói | “dois” | a.ja.ká | “cesto” |

Dado que a tipologia de pés proposta por Hayes admite somente pés binários, para dar conta de padrões ternários ele vai usar o recurso da extrametricidade²⁴ e da sílaba *solta* (*stray syllable*). A alternância ternária no Mbyá vai ser resolvida pela não computação da primeira sílaba dos constituintes ternários, considerando-a como sendo uma sílaba ‘solta’, de acordo com a análise local fraca. Este procedimento permite a construção de pés binários não adjacentes tendo como distância prosódica mínima uma única sílaba leve entre eles. Sendo assim, por ser a primeira sílaba aquela não computada nos padrões

²⁴ À extrametricidade, um recurso muito poderoso, já que qualquer elemento poderia ser marcado como invisível para a regra de acento, inclui-se uma exigência que restringe seu poder, é a chamada Condição de Perifericidade, segundo a qual somente pode ser extramétrico um elemento que esteja na margem de seu domínio.

ternários, considerou-se o Mbyá como sendo um sistema que constrói pés da direita para a esquerda²⁵ conforme ilustrado abaixo:

(. *)
39)a. ky.xé “faca”

(. *)
40)a. **ja**.ka.ré “jacaré”

(. *)
b. mbo.kóĩ “dois”

(. *)
b. **a**.ja.ká “cesto”

Como o Mbyá não permite que palavras com menos de dois elementos métricos (duas sílabas ou duas moras) sejam acentuadas, a sílaba ‘solta’ que resulta da segmentação de uma palavra não recebe estrutura, isto é, não se forma pé sobre ela, o que equivale dizer, que o Mbyá não admite pés degenerados (*Proibição Forte*). Palavras morfológicas com uma única sílaba -xé “eu”, y “água” sofrem então, alongamento vocálico possibilitando a marcação do acento (seção 2.1.3.3):

41) a. xe xée “eu”
 (*) (*)
 ∪ —

b. y ýy “água”
 (*) (*)
 ∪ —

Partindo da determinação destes parâmetros, o algoritmo que representa o acento no Mbyá, ilustrado pelas estruturas (42a-c) abaixo, é o que segue:

- a) Tipo de Pé: *Iambo*
- b) Direção da segmentação: *direta/esquerda*
- c) Segmentação: *interativa/não interativa*²⁶,
local fraca (valor marcado do parâmetro)
- d) Localização da construção das camadas da Grade: *de baixo para cima*
- e) Pés Degenerados: *proibição forte*
- f) Regra Final: *direita*

(*) (Regra Final)
(*) (nível da palavra)
(. *) (nível do pé)
42) a. **ka.vý**
 “vespa”

²⁵ Hayes, mesmo considerando que as evidências da construção de *iambos da direita para a esquerda* sejam fracas, pois todos os casos por ele documentados podem sofrer uma reanálise trocáica (Hayes 1995), não consegue responder por que esta lacuna ocorre, já que alternativamente, troqueus moráico e silábico podem ser marcados em qualquer direção.

²⁶ Meader (1961) propõe que no Mbyá, um grupo de ritmo com extensão de quatro ou mais sílabas toma um acento secundário. Guedes (1991:22) também afirma, tratando de palavras “complexas”, que ao se seguirem dois morfemas acentuados, os morfemas à esquerda têm em geral reduzida a intensidade de sua sílaba acentuada, mas sem que haja total apagamento: ywý+atý ywýatý “monte de terra”.

(*) (Regra Final)
 (*) (nível da palavra)
 (. *) (nível do pé)
b. ka.va.jú
 “cavalo (empréstimo)”

(*) (Regra Final)
 (*) (nível da palavra)
 (.*)(. *) (nível do pé)
c. a.ra.ra.ʼá
 “formiga preta”

3.1.3 O MBYÁ COMO UM SISTEMA IÂMBICO

O acréscimo ao molde iâmbico de pés constituídos por duas sílabas breves, parece ser adequado para a análise do acento no Mbyá, que apresenta tanto pés com os formatos /U – / e / – / (43a-b), quanto aqueles com a forma /UU / (43c):

43)a. pa.ra.káu “papagaio”	b. ndée “você”	c. xi.ví “onça”
(. *)	(*)	(. *)
U –	–	UU

Os casos de línguas iâmbicas analisados por Hayes (1995) demonstram que, sendo o sistema iâmbico baseado no contraste de duração, a tendência da fonologia segmental é assegurar a construção de pés iâmbicos “ideais”: /U –/ , /–/, a partir de processos fonológicos como o do alongamento da sílaba final acentuada ou pela redução daquelas não acentuadas, (Hayes, 1995:77) reforçando o contraste de quantidade dentro do pé.

No Mbyá, o alongamento da vogal em constituintes monossilábicos tônicos, estratégia da língua para satisfazer o molde da palavra mínima que é bimoráico, reflete o direcionamento das regras segmentais no sentido de reforçar o padrão de duração básico do pé, já que o alongamento torna o núcleo ramificado em uma seqüência de dois elementos V idênticos, que ocupam duas posições na camada temporal como nas sílabas pesadas. Assim, o alongamento da vogal cria pés iambos com a forma /–/:

- 44) a. $\begin{matrix} (*) \\ \acute{y}y & \text{“\acute{a}gua”} \\ - \end{matrix}$ b. $\begin{matrix} (*) \\ t\text{-}\acute{u}u & \text{“pai de algu\text{e}m”} \\ - \end{matrix}$

Al\em disso, quando da duplica\c{c}\~ao de seq\~u\~encia**s** bissil\~abicas (4.2.1.3.4), o processo de apagamento do segmento voc\~alico final de ditongos finais tamb\~em pode ser considerado um dispositivo usado para garantir a manuten\c{c}\~ao do padr\~ao ox\~itono da l\~ingua, j\~a que, evita a forma\c{c}\~ao de s\~ilaba pesada em posi\c{c}\~ao n\~ao final de palavra que poderia competir pelo acento:

- 45) a. **mok\~oi** “dois” \Rightarrow [mo.ko.mo.’koj\~i] “de dois em dois”
* [mo.koj\~i.mo.’k\~oj\~i]

b. o-**mand\~au**(ele-chamar) “chamou” \Rightarrow [o.ma.nda.ma.’nda\~u] “chamou chamou”
* [o.ma.nda\~u.ma.’nda\~u]

Por outro lado, a l\~ingua n\~ao parece fazer uso generalizado dessas regras segmentais, que providenciam repara\c{c}\~ao de p\~es que n\~ao apresentam as formas padr\~ao. De fato, \e esperado que em um sistema i\~ambico, palavras constitu\~idas por p\~es com o formato ilustrado em (46) convertam o hiato em ditongo, o que resultaria em uma \u00fanica s\~ilaba pesada, garantindo assim, a manuten\c{c}\~ao do sistema de p\~es i\~ambicos padr\~ao /-/ ou /\cup -/. Contudo, isso n\~ao ocorre no Mby\~a (46a-c):

- 46) a. $\begin{matrix} (. *) \\ -nga.\acute{ı} & \text{“magro”} \\ \cup\cup \end{matrix}$ b. $\begin{matrix} (. *) \\ -a.pe.\acute{ı} & \text{“abandar”} \\ \cup\cup \end{matrix}$ c. $\begin{matrix} (. *) \\ 'a.ra.\acute{ı} & \text{“nuvem”} \\ \cup\cup \end{matrix}$

Sendo assim, o Mby\~a pode ser considerada uma l\~ingua com sistema de acento i\~ambico, mas que acentua palavras formadas por p\~e iambo composto somente por duas s\~ilabas breves /\cup\cup/, violando a Lei I\~ambico/Troc\~aica²⁷.

²⁷ O ritmo i\~ambico se caracteriza pelo contraste de dura\c{c}\~ao.

4. CONCLUSÃO:

A determinação dos domínios prosódicos no Mbyá, sobretudo, até o nível da palavra fonológica, propiciou a organização do seu *subsistema prosódico* (cf. Nespor e Vogel 1986), revelando, em que medida cada um dos constituintes prosódicos vai servir como domínio para alguns processos fonéticos e para a aplicação de algumas regras fonológicas. É ponto de partida, a definição da estrutura e do padrão silábico na língua, os quais se mostram pouco complexos: todas as sílabas são abertas e somente o núcleo é obrigatório. Tanto o padrão silábico quanto a estrutura silábica subjacente podem ser reduzidos à fórmula (C)V(V) e aos constituintes ataque e núcleo, respectivamente. A sílaba como domínio é identificada na ocorrência (i) da *ditongação*, que vai manifestar-se em final de radical e na junção de morfemas; (ii) do *alongamento* de núcleo silábico, (iii) do *apagamento de núcleos silábicos idênticos*, resultado de um processo de otimização da cadeia silábica, que busca adaptar para o padrão silábico preferencial CV, as seqüências de vogais adjacentes idênticas e (iv) da *duplicação de constituinte bissilábico final de palavra*, na qual podem ser identificados dois dos tipos constituintes do padrão de pés da língua, já que somente seqüências de duas sílabas breves /UU/ ou uma sílaba breve e outra longa /U -/ são duplicadas e inseridas à direita do radical. Já a palavra fonológica mínima é definida como sendo bimoráica. O que determina, conseqüentemente, o tamanho mínimo do pé (dois elementos métricos ou duas moras), proibindo assim, pés degenerados. O processo de *alongamento* de núcleo silábico é mecanismo usado para assegurar a construção de pés com tamanho mínimo requerido pela língua.

De modo conclusivo, propõe-se entender do sistema acentual do Mbyá como um sistema iâmbico nos moldes de Hayes (1995), já que o alongamento de núcleo silábico e a ditongação final de radical, processos fonológicos que formam sílaba pesada, vão garantir o requerimento de peso exigido pelo sistema iâmbico. Assim, o Mbyá é sensível à quantidade e vai construir *pés iâmbicos* padrão /U-/, /-/ e também aqueles formados por duas sílabas breves /UU/. Evidentemente, sem pretender ser exaustiva, esta análise apresentou algumas propostas, que posteriormente podem ser revistas tanto sob o ponto de vista da fonologia não linear, quanto à luz de um modelo que não seja estritamente derivacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABAURRE, M. B.: Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. In: ABAURRE, M. B. WETZELS, L. *Fonologia do Português*. Cadernos de Estudos Lingüísticos n° 23. 1992.
2. BISOL, Leda: Constituintes Prosódicos. In: BISOL, Leda *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. RS.EDIPUCRS, 1986.
3. _____ *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. D.E.L.T.A. 1989.
4. BLEVIN, Juliette. The Syllable in Phonological Theory. In GOLDSMITH J. *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell pp. 207-244.1986.
5. _____ HALLE, Morris :*The Sound Pattern of English*. New York. Harper e How, 1968.
6. CLEMENTS, George N.; KEYSER, S. J. *CV Phonology*. Cambridge. MIT Press. 1983.
7. DOOLEY, Robert A: Vocabulário Básico do Guarani Contemporâneo (Dialeto Mbüá do Brasil. Brasília, DF, Summer Institute of Linguistics, 1982.
8. _____: *Three phonologic process in Mbyá Gurani: diphtongization, reduplication and gemination*. Summer Institute of Linguistics, Brasilia. 1990.
9. DORICO, Carmem T.: *Constituintes Métricos na Língua Matsés (Pano)*. Abralín. 1998.
10. GREGORES, Emma and Jorge A. Suárez: *A Description of Colloquial Guarani*. The Hague-Paris-Mouton &CO, 1967.
11. GUEDES, Marymarcia. *Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbyá*. Campinas: Editora da Unicamp. 1991
12. HALLE, M.; VERGNAUD, J.: *An Essay on Stress*. Cambridge. MIT Press, 1987
13. HAYES, Bruce: *Metrical Stress Theory*. The University of Chicago Press, 1995.
14. KAHN, D.: *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge.MIT. Mass. 1976.
15. LEBEN, William.: *Suprasegmental phonology*. Ph Dissertation, MIT. 1973.
16. LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan: *On stress an linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry, n.8, p.249-336. 1977.
17. MACCARTHY, J.J & PRINCE A. S.: Prosodic Morphology. In GOLDSMITH J. *The Handbook of Phonological Theory*.The.Blackwell pp. 319-365. Goldsmith (ed). 1986.
18. MARTINS, Marci F.: *Descrição e Análise de Aspectos da Gramática do Guarani Mbyá*. Tese de Doutorado-UNICAMP.Campinas, 2003.

19. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o Lugar do Acento em uma Teoria Fonológica. In ABAURRE, M. B. M.; WETZELS, L.: *Fonologia do Português. Cadernos de Estudos Lingüísticos* nº 23.1992.
20. MEADER, Robert E. *Nasalization in Guarani*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil. 1976.
21. _____ *Guarani Phonemics: Dialect of Rio das Cobras*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, Brasil. 1961.
22. NESPOR, M.; VOGEL, I.: *Prosodic Phonology*. Foris. Dordrecht
23. McCARTHY, John (1986): OCP- effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, n17, p.207-263. 1986.
24. MOHANAN, K.P.: *The Theory of Lexical Phonology*. D.Reidel Publishing Company. Dordrecht, Holland. 1986.
25. NESPOR, Marina and Irene Vogel: *Prosodic Phonology*. Foris Publication. Dordrecht-Holland/Riverton-U.S.A. 1986.
26. WETZELS, Léo: A Teoria Fonológica e as Línguas Indígenas Brasileiras. In: ABAURRE, M. B. M.; WETZELS, L. (org.) *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras Fonologia do Português*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ.1995

RESUMO: Este artigo analisa a organização do sistema prosódico do Mbyá, especialmente, no nível da palavra. Busca-se determinar em que medida cada um dos constituintes prosódicos (sílabas, pé, palavra fonológica) vai servir como domínio para a aplicação de processos fonéticos e de regras fonológicas como (i) o apagamento de vogais adjacentes idênticas, (ii) a ditongação, (iii) o alongamento de vogais em palavras monossilábicas tônicas e (iv) a duplicação de segmentos bissilábicos. Além disso, propõe-se que o sistema acentual do Mbyá pode ser entendido como um sistema iâmbico (Hayes, 1995), sendo que o alongamento de núcleo silábico e a ditongação final de radical, processos fonológicos que formam sílaba pesada, vão garantir o requerimento de peso exigido pelo sistema iâmbico.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia prosódica; acento; línguas indígenas.

ABSTRACT: This article analyses the organization of the prosodic system of the Mbyá, especially, in the level of the word. One search to determine where measured each one of the prosodic constituents (syllable, foot, phonologic word) it goes to serve as domain for the application of phonetics process and phonological rules as (i) the deletion of identical adjacent vowels, (ii) the diphthongization, (iii) the gemination of vowels in tonic monosyllabic word and (iv) the duplication of bisyllabic segment. Moreover, it is considered that the stress pattern of the Mbyá can be understood as a iambic system (Hayes, 1995), being that the gemination of syllabic nucleus and the final diphthongization of radical, two phonological processes that in the Mbyá goes to form weighed syllable, guarantee the formally request of weight demanded for the iambic system.

KEY WORDS: Prosodic phonology; stress; indigenous language.